

Maria Elisete Almeida  
*Universidade da Madeira*

## A dupla tendência do português para a oxitonização e a monossilabação em comparação com o francês

### **Introdução**

É nosso propósito tratar o problema da excepção numa perspectiva contrastiva entre o francês e o português, pondo em relação, sempre que for possível, os níveis fónico, sintáctico e semântico, uma vez que pensamos que um certo número de irregularidades sintácticas, aparentes no português actual, possuem uma explicação fonética.

No plano fonético, iremos mostrar que a oxitonização das palavras portuguesas, considerada, classicamente, como excepcional, se encontra em rápida progressão e aproxima o português do francês. Tudo isto tem incidências importantes sobre a morfossintaxe, já que o recurso ao pronome pessoal de conjugação, considerado, outrora, como uma excepção, está, por seu turno, em vias de se generalizar.

### **1. A oxitonização progressiva dos vocábulos portugueses**

No plano fonético, a regra geral, na nossa língua, é a acentuação na penúltima sílaba. Toda a excepção a esta regra é, em princípio, assinalada por um acento gráfico diacrítico, sobretudo se a palavra for proparoxítona, mas também quando se trata de uma oxítona com final vocálica – *avô* (*grand-père*), *avó* (*grand-mère*), *maré* (*marée*), *maracujá* (*fruit de la passion*) – ou consonântica – *dinamarquês* (*danois*). Dito isto, uma escuta atenta da oralidade prova que muitas paroxítonas portuguesas de final vocálica estão em vias de oxitonização, o que tende a afastar o português continental do português do Brasil e a aproximá-lo do francês.

Observe-se o caso da palavra *cidade*, cuja pronúncia clássica é [si'dadɔ], com um *e* instável no fim da palavra. Este tipo de vocábulo é classificado como paroxítono. Ora, a pronúncia da última sílaba – átona – só se ouve, verdadeiramente, nos poemas e nas canções, onde se mantém por razões prosódicas. Em contrapartida, na conversação corrente, a última sílaba é apocopada, sobretudo em final absoluta: *Vamos à cidade*. [vɐmzasi'dad]. Aqui, a palavra comporta-se como oxítona com final consonântica. Este é, pelo menos, o caso do português europeu.

No Brasil, é bem diferente, o *e* final é sempre articulado sob a forma [i] com uma frequente africatação do *d*: [si'dadzi]. A pronúncia europeia de *cidade* [si'dad] e de *verdade* [vər'dad] aproxima o português do espanhol (*ciudad-verdad*) e do francês (*cit -vérité*), onde estas duas palavras são oxítonas. A única diferença é que, em francês, a oxítona termina com final vocálica [si'te], [veri'te], ao passo que o *d* mant m-se em português e, em espanhol, a oxítona *ciudad* [ ju'da(d)] articula-se com ensurdecimento progressivo do *d* final.

Esta queda do *e* instável da última sílaba tem repercussões fonológicas interessantes, nomeadamente no que concerne o *se* reflexivo e o *s* final da segunda pessoa do singular do presente. Compare-se: *Aluga-se apartamentos* (*On loue des appartements*,   letra: se loue des appartements) e *Alugas apartamentos* (*Tu loues des appartements*). Embora o *e* do reflexivo não se pronuncie, protege, de alguma forma, o fonema /s/, que conserva o carácter de sibilante surda, enquanto que no caso do *s* final da segunda pessoa, este varia em função da palavra seguinte e conhece, pelo menos, três realizações diferentes: a sibilante sonora [z] antes de vogal, a chiante surda [ʃ] antes de consoante surda e a chiante sonora [ʒ] antes de consoante sonora. Em algumas variantes dialectais, o *s* final pronuncia-se mesmo [ʒ] antes de vogal: [v'luɡeʒ p rte'm tu]. O fonema /s/ são se mant m como tal, indiferente a qualquer contexto, nos casos do *se* reflexivo: *aluga-se barracas* [v'luɡe[ʃb 'rak ]] (*on loue des barraques*) / *alugas barracas* [v'luɡeʒb 'rak ]] (*tu loues des barraques*).

Verifica-se que esta oposição fonológica apresenta um grande rendimento semântico uma vez que permite opor duas pessoas do verbo: a segunda e a terceira. Acrescente-se que a terceira pessoa com o reflexivo recebe, muitas vezes, uma interpretação de primeira pessoa do singular ou do plural: *aluga-se* podendo significar «je loue» ou «nous louons».

O *e* final não é a única vogal a ser apocopada na conversão corrente. O mesmo acontece com o *o*. Tome-se como exemplo uma palavra bastante comum, como é o caso de *pronto* (literalmente: *pr t*), que adorna a conversão um pouco à maneira do francês *bon*. Na verdade, pronuncia-se *pront'* e até *pront's* [pr tʃ] por parte de alguns desportistas. Onde resulta que a oposição masculino/feminino, em princípio equipolente, *pronto/pronta*, funciona, na realidade, como uma oposição privativa, o que faz com que o esquema *professor/professora* tenda a generalizar-se a todo o sistema (M.-E. Almeida: 2000<sup>b</sup>, 20). Sendo a palavra masculina oxítona e de final consonântica (*pront'*) e a palavra feminina, paroxítona de final vocálica (*pronta*). Assim, na oposição *mu t's cont's/muitas contas*, são as palavras femininas conservam o carácter paroxit nico ao passo que as masculinas oxitonizam-se. Como, além disso, o *a* final tende a centralizar-se, a marca do feminino, em português, aproxima-se um pouco do *e* feminino francês, tal como ele ainda se pronuncia no fim das palavras na França meridional (por exemplo, a oposição: *mer/m re*).

A queda progressiva da vogal final *o*, em português – antiga excep o tornada regra geral –, possui inúmeras repercussões morfológicas, das quais algumas são bastante inesperadas. Por que razão o português é a única língua rom nica a utilizar a palavra francesa «pont» no feminino: *a ponte*? A nosso ver, a resposta reside, de facto, na apócope da vogal final não acentuada. Sejam os três vocábulos: *ponta* (pointe) / *ponto* (point) / *ponte* (pont). O *a* final de *ponta*, embora enfraquecido e destimbrado, é,

ainda assim, audível. Em contrapartida, o *e* de *ponte* tornou-se, praticamente, mudo e o *o* de *ponto* é regularmente apocopado. Daí resulta que o par gráfico *ponto/ponte* se torna indiscernível na oralidade. A única maneira de distinguir, actualmente, «pont» e «point» é o género diferente do artigo: *o pont(o)/a pont(e)*. Quanto à distinção, *a ponta/a pont(e)*, que, outrora, era uma oposição equipolente, tornou-se privativa.

Todo aquele que queira explicar a excepção portuguesa – a feminização da palavra *ponte* – recorrendo às mentalidades, engana-se rotundamente. Os portugueses não vêm as pontes de maneira diferente dos outros povos da România. O género da palavra, completamente arbitrário, não possui outra função senão a de facilitar a discriminação de dois parónimos. Ao mesmo tempo, devido à apócope final, a marca de género tende a deslocar-se para o artigo, ou melhor, o determinante, o que torna o recurso a este cada vez mais necessário, um pouco como em francês. O que se perdeu antes recupera-se depois.

## 2. O conflito entre a escrita e a oralidade: os falsos proparoxítonos da língua escrita

A tradição gramatical portuguesa classifica como *proparoxítonas* um certo número de palavras eruditas oriundas do grego, como é o caso de *bipótese*, *síntese*, *metátese*, *aférese*. Tal visão das coisas presta-se a contestação. É certo que, em grego, estes quatro vocábulos eruditos (ὑπόθεσις, σύνθεσις, μετάθεσις, ἀφαίρεσις), são proparoxítonos e conservaram o perfil proparoxitónico em latim. Também é verdade que há uma regra gramatical, em português, que diz que todos os vocábulos proparoxítonos recebem um acento gráfico. Dito isto, se é exacto que todos os proparoxítonos recebem em português um acento gráfico, que assinala o lugar inabitual do seu acento tónico, o inverso não é verdadeiro, como mostra uma escuta atenta da oralidade. Com efeito, a vogal *e*, sendo, sistematicamente, apocopada ou sincopada em português contemporâneo, o que se passa é que um certo número de palavras que comportem na grafia um acento proparoxitónico se tornaram, oxítonas na prática oral. Acontece assim com as quatro palavras gregas supracitadas, pela simples razão que os *e* das duas sílabas finais desaparecem, pura e simplesmente, da articulação da palavra: *bipót(e)s(e)*, *sínt(e)s(e)*, *metát(e)s(e)*, *afér(e)s(e)*. Pronuncia-se, pois, na verdade: [i-ˈp ɐs], [si-ˈts], [mi-ˈtats], [ɐ-ˈfers].

### a) O choque das consoantes

A apócope e a síncope do *e* produzem um outro efeito ligado ao precedente: o choque de várias consoantes na última sílaba acentuada. Assim, quando se utilizam todas estas palavras de origem grega no plural – *bipót(e)s(e)s*, *sínt(e)s(e)s*, *metát(e)s(e)s*, *afér(e)s(e)s* – em todos os casos temos o encontro de três consoantes: a dental surda [t], a sibilante [s], e a chiante final [ʃ], que marcam o plural.

### b) Os efeitos de assimilação

Em todos estes vocábulos de origem grega, o *s* intervocálico das duas últimas sílabas é sonoro, em conformidade com a regra habitual, tal como em francês e contrariamente ao que se passava em grego em que o sigma se pronunciava como uma sibilante surda. Mas com a queda do primeiro [ə], o [z] entra em contacto directo com a surda [t] e, através da assimilação progressiva, torna-se também surdo. Ficamos, então, com uma

sequência de três consoantes surdas [t], [s], [ʃ], que são difíceis de pronunciar. Em português actual, a sequência [ʃ], [s], em *piscina*, tende a simplificar-se em [ʃ]. Por conseguinte, o [s] entalado entre o [ʃ], marca do plural, e o [t] precedente tende a desaparecer.

### 3. Que pensar da alergia do português aos recontros de consoantes?

Ao passar do latim para o português, um determinado número de grupos de consoantes foram simplificadas. Assim, *september* deu origem a *Setembro*, *october* deu *Outubro*, *doctor* tornou-se *doutor*. Uma certa inércia ortográfica faz com que se continue, no entanto, a escrever *director*; *objecto*, *recepção* enquanto, na verdade, se pronuncia: [dire'tor], [ɔ'bʒɛtu], [rse'sẽw].

A consoante oclusiva – [k] ou [p] – que fechava a primeira sílaba desapareceu, pura e simplesmente, da pronúncia, mas deixou vestígios: antes de cair abriu o *e* precedente, e essa abertura do *e* é o único sinal que manifesta a presença virtual dessa consoante, que só existe na escrita, onde conserva um valor etimológico. Os raros casos de pronúncia do *c* antes de *t* estão ligados a um esforço de desambiguação como acontece na palavra *facto*. Se esta seguisse a regra geral de simplificação consonântica, já não se poderia distinguir *o facto* (*le fait*) de *o fato* (*le costume, le tailleur*). Foi o que se passou no Brasil, onde a perfeita homonímia entre os dois termos levou ao desaparecimento de *fato*, com o sentido de *costume* em francês, e à sua substituição por *terno*.

Se é verdade que o português evita os recontros de consoantes no interior da palavra quando elas são de origem etimológica, não é menos verdade que as inúmeras sínopes e apóopes que recaem sobre o *e* instável originam, no fim de contas, acumulações de consoantes, nomeadamente no final da palavra, em particular no caso de oxitonação. Assim, no singular, as palavras terminadas em consoante, é suposto, no plural, terem uma vogal de apoio entre a última consoante e o *s* do plural. É o caso de *juiz* que tem como plural *juizes*. Na verdade, este *e* de apoio é, sobretudo, virtual e não tem existência fora da grafia pois, de facto, pronuncia-se [ʒuizʃ]. Num vocábulo como *português*, que termina com o som [ʃ], interpõe-se, no plural, entre os dois *s* um *e* dito de apoio: *portugueses* [purtu'gezʃ]. Na realidade, este *e* não se ouve, mas tem como efeito indirecto modificar a articulação do primeiro *s* fazendo dele uma consoante intervocálica pronunciada [z] como no feminino *portuguesa* [purtu'gezɐ]. No plural, esta palavra pronuncia-se *portuguesas* [purtu'gezɐʃ] com um *a* final destimbrado mas audível, ao passo que, no plural masculino, não é perceptível qualquer som vocálico entre os dois *s*, a única diferença é que o primeiro se pronuncia [z] e o último [ʃ]. Temos, pois, a sensação que este famoso *e* de apoio não tem outro papel senão o de tornar sonoro o *s* virtualmente intervocálico de *portugueses* e de o transformar em [z].

### 4. A verdadeira alergia dos lusófonos às colisões de vogais

Uma vez mais, a ortografia portuguesa é enganadora visto que, contrariamente à do francês, não assinala as elisões através de apóstrofes, salvo em poesia, para facilitar a contagem das sílabas, mas é um artifício para ajudar à dicção, pelo facto de o apóstrofe não fazer parte dos sinais de pontuação do português. É verdade que ele se utiliza, por vezes, nos romances quando o autor dá a palavra a pessoas do povo. Mas é um pouco enganador pois isso leva a crer que só as classes populares utilizam a elisão ao passo que, na verdade, ela é praticada por toda a gente.

Tome-se como exemplo o advérbio interrogativo *como?* (*comment?*). Por vezes, utiliza-se esta palavra isoladamente numa pergunta para convidar o alocutário a explicar-se. Neste caso, *como?* é tratado como um vocábulo paroxítono clássico mas há que convir que esta maneira de interrogar não é comum e pertence a um nível cuidado de língua. A maneira normal de pedir um acréscimo de explicação é a forma *diga?*, conjuntivo de cortesia, de terceira pessoa que se pode traduzir pelo francês *dites?*.

A utilização, relativamente, rara de *como?* na categoria de palavra-frase justifica a manutenção do *o* final na escrita e a ideia de que este termo é um paroxítono.

Apesar disso, na prática, *como* é regularmente seguido dos dois verbos «être», quer *como é?* (*comment c'est?*), quer *como está?* (*comment ça va?*). Mas, na maioria das vezes, utilizam-se interrogações de forma enfática, do tipo: *como é que está?* E, neste caso, o *o* de *como* elide-se antes da vogal acentuada *é*. Logo, não há hiato. Como também não há entre o *e* de *que* e a vogal inicial de *está*. Cai o primeiro e o segundo visto que, na prática habitual, *está* sofre uma aférese reduzindo-se a *'stá* quando não é a *'tá*. No presente contexto, o [ʃ] mantém-se mas a produção real é [kmɛ'kʃta].

Donde resulta que, palavras que são dissilábicas na escrita, se tornem monossilábicas na oralidade e se resumam, frequentemente, à sílaba acentuada. Este exemplo mostra bem que **a supressão da colisão de vogais produz, inevitavelmente, colisão de consoantes**, o que não é de todo conforme ao que se ensina nas gramáticas tradicionais. Como mostra a transcrição fonética da frase precedente, temos um encontro de três consoantes com a sequência [kʃt].

##### 5. A iotização do *e* nas sílabas subtônicas

Quando o *e* de *que* não é elidido, fecha-se em *i*. É o que se passa na construção escrita à maneira clássica: *o que é que bá?* (*qu'est-ce qu'il y a?*). Na prática, o que se ouve é [ke'kja?]. O suporte vocálico inicial [u] desaparece. O *e* do primeiro *que* elide-se antes de *é*, como no exemplo anterior. Em contrapartida, antes de *bá*, o *e* do segundo *que* não sofre elisão e modula-se em *i*. Contudo, não existe hiato entre o *i* e o *a*, visto que entre ambos se interpõe um *yod* de transição. Embora a sequência dos morfemas seja diferente, faz lembrar, de forma estranha, o francês popular *qu'est-ce qu'il y a*, pronunciado [keski'ja?], e até, por vezes, [kekija] nos meios em que também se diz [kekty'fe?]. Apesar de haver uma grande diferença a nível das grafias portuguesa e francesa, chega-se a produções fónicas espantosamente próximas. As cinco sílabas da escrita (*o que é que bá*) – que correspondem a cinco monossílabos – reduzem-se a duas sílabas orais [ke-'kja?]. Quando as crianças se batem, a fórmula pode ainda simplificar-se em [ke-'ka?]. Chegamos a dois vocábulos oxítonos com a mesma estrutura silábica (consoante + vogal acentuada). A fórmula mais usual é, porventura, a sequência *Mas afinal o que é que bá?* que dá em transcrição [mɛzɛfi'nal-'ke-'ka?], que apresenta uma sequência de três blocos oxitónicos.

##### 6. O falso *e* protético do português

Compare-se o italiano *stipulare* e o português *estipular*, (ambos oriundos do latim *stipulāri*). Dir-se-ia que o *-e* final de um se transportou para a inicial do outro. É, evidentemente, uma ilusão gráfica. O *e*-protético do português existiu, sem dúvida, no passado, tal como em espanhol, mas manteve-se nesta língua, ao passo que, em por-

tuguês, ele tem apenas existência ortográfica, já que, na verdade, se ouve [ʃtipu'lar]. A apócope da vogal final transformou o vocábulo paroxítono latino em oxítono lusófono e a aférese do *e*-protético faz com que se encontre, lado a lado, nas mesmas sílabas as consoantes [ʃ] e [t], exactamente como em latim ou em italiano, com a diferença de que o *s* inicial do português é chiante antes de *t*.

A transcrição oficial faz preceder o [ʃ] inicial de um [i] traçado. Isto explica-se, em parte, pelo cuidado de tomar em consideração a pronúncia brasileira. O traço sobre o *i* pode ser entendido como uma espécie de símbolo icónico que significa que a vogal é susceptível de ser suprimida.

### 7. Os progressos da monossilabação

O efeito acumulado das aféreses, das sínopes e das apóopes origina, em português, a formação de um importante número de monossílabos. O fenómeno não é novo. Muitos dissílabos latinos, cuja estrutura silábica se manteve, em italiano e em espanhol, transformaram-se em monossílabos na língua portuguesa. Assim, o latim *pes*, *pedis* dá origem ao português *pé*, após a apócope do *-m* do acusativo *pedem*, a síncope do *-d*-intervocálico e a crase dos dois *e* fechados que originam um [ɛ] aberto. Um fenómeno comparável, mas um pouco mais complexo, observa-se na passagem do latim para o português das palavras *rana*, que deu origem a *rã* (*grenouille*), e *lana*, que deu origem a *lã* (*laine*). Primeiro, houve a apócope do *-a*, depois a nasalização da vogal sob o efeito do *n* e, finalmente, a queda desta última consoante. O dissílabo paroxítono do latim deu origem, nos três casos, a um oxítono monossilábico.

### 8. As incidências morfossintácticas da oxitonização

O processo de oxitonização, observável a todos os níveis, tem efeitos gramaticais um pouco inesperados. A partir do momento em que a primeira pessoa do presente do verbo *pensar*, a saber, *penso*, se pronuncia *pens'*, a queda da flexão leva, inevitavelmente, ao recurso do pronome pessoal *eu*, que tende a cliticizar-se à semelhança do *je* francês. O apelo ao pronome pessoal sujeito, antes do verbo conjugado, figurava como *excepção* na abordagem clássica da língua, mais atenta à sua realidade gráfica do que à sua realidade fónica. Evidentemente, no plano da grafia, o português apresenta uma rica flexão verbal – ainda mais rica do que a do espanhol. E esta riqueza flexional parece tornar supérfluo o apelo ao pronome pessoal sujeito, ao qual se recorre, excepcionalmente, nos casos de forte ênfase do sujeito ou, mais raramente, de ambiguidade de pessoa. Nesta visão tradicional das coisas, é grande a oposição entre o português e o francês onde, devido a uma flexão enfraquecida, o recurso ao pronome pessoal se tornou tão automático como nas línguas germânicas.

Mas esta visão das coisas é, quando a analisamos, tão inadequada para o português como para o francês. Como M. Maillard, muitas vezes, disse, é um erro considerar-se *je*, *tu*, *il*, *on* etc. como constituintes sujeitos. Também não são verdadeiros pronomes no sentido forte do termo uma vez que não ocupam uma posição nominal. Se aceitarmos com ele (Maillard, 1991: 228 et 244) e Berrendonner (1991: 126), considerá-los como simples *flexifs de personne* (M. Maillard & M.-E. Almeida, 2000: 187), então o contraste entre o português e o francês atenua-se bastante, pois, nas duas línguas, o verdadeiro sujeito é também, frequentemente, implicitado e não há mais *servidão sub-*

*jectal* em francês do que em português. O que permanece verdadeiro, é que o morfema pessoal (*eu, tu, ele, eles...*) ora funciona como pronome de corpo inteiro ora como simples *flexif d'avant* (M.-E. Almeida, 2000<sup>a</sup>: 25 et 59-60), ao passo que o francês opõe, dois a dois, a série dos flexivos e a dos pronomes (*je-moi, tu-toi, il-lui, ils-eux...*). Vê-se por aqui que um simples fenómeno fonético, o facto da vogal final se tornar muda, tem repercussões sobre a economia geral do sistema ao nível morfológico e morfosintáctico.

### Conclusão

Em jeito de conclusão, a prática sistemática das aféreses, das síncopes e das apóopes vocálicas faz com que o português se distinga, fortemente, das duas outras línguas românicas do sul.

O espanhol pratica pouco a aférese e o verbo *estar* (*être*), na terceira pessoa do singular do presente pronuncia-se *está* com todas as letras, conservando o seu perfil dissilábico, enquanto que, em português, *está* se reduz a *'stá* e até, muitas vezes, a *'tá*.

O italiano, contrariamente ao português, utiliza pouco a apócope e conserva o *e* final dos infinitivos (*stare, legere, dormire*), assim como o *e* final das palavras em *-ale* e *-ile*: *generale, possibile, facile*.

O português pratica também a síncope. Ao vocábulo *settimana* italiano corresponde o vocábulo *semana* português, pronunciado, na verdade, [smɐ-nɐ] em duas sílabas. Uma palavra quadrissilábica como *generale* tem como equivalente português o dissilábico *geral*, ao mesmo tempo simplificado e oxitonizado.

O nosso idioma é uma língua em reestruturação permanente, simultaneamente muito próxima do latim e muito afastada da língua mãe, precisamente por causa desses dois fenómenos estreitamente ligados que são a oxitonização e a monossilabação. O português afasta-se, assim, cada vez mais dos sistemas que lhe são mais próximos, o português do Brasil e o espanhol. Curiosamente, os portugueses continuam a compreender o espanhol e as variantes brasileiras, mas o inverso não é verdadeiro. À excepção dos galegos, os espanhóis já não compreendem o português. Os próprios brasileiros têm necessidade de legendas para compreender os filmes e as telenovelas oriundas de Portugal.

Embora sobre inúmeros pontos o português continental se aproxime do francês, com o qual partilha muitos traços em comum, quer fonológicos quer fonéticos, isso não facilita contudo a intercompreensão pois os franceses só dificilmente conseguem relacionar a grafia com a fonia do português. Muitas vezes, a pronúncia da palavra francesa e da portuguesa são bastante próximas, mas o francês pronuncia o que lê e não consegue fazer-se compreender, uma vez que se deixa cair nos efeitos enganadores da ortografia portuguesa. Já com o italiano e o espanhol, cuja escrita, sem ser fonológica, tende, no entanto, para uma certa homologação dos planos fónico e gráfico, o problema não se coloca.

Apesar dos esforços consideráveis levados a cabo, na lusofonia, para simplificar a ortografia, aparentemente, esta nunca chegará a aproximar-se do ideal fonológico por causa das variações de timbre às quais estão sujeitas as vogais e as consoantes em função dos contextos, o que multiplica o número dos alofones.

**BIBLIOGRAFIA**

- ALMEIDA, M-E (2000<sup>a</sup>), *La Deixis en français et en portugais*, Leuven, Peeters.
- ALMEIDA, M-E (2000<sup>b</sup>), A Feminização, funções, títulos e ocupações em português e em francês: abordagem contrastiva, *in* Almeida, M.-E. & Maillard, M., p. 17-25.
- ALMEIDA, M.-E. e MAILLARD, M. (éds) (2000), *O Feminino nas Línguas, Culturas e Literaturas*, Centro METAGRAM, Universidade da Madeira, Funchal.
- COSERIU, E. (1962), *Teoria del Lenguaje y Lingüística General*, Madrid, Gredos.
- CUNHA, C. e LINDLEY CINTRA, L-F. (1984, 1991), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa.
- Dicionário da Academia das Ciências*. 2001, Coordenador: J. Malaca Casteleiro, Lisboa, Verbo
- HJEMSLEV, L. (1963), *Prolegomena to a Theory of Language*, Madison, The University of Wisconsin Press.
- MAILLARD, M. (1994), La catégorie de la personne fait-elle partie des universaux du langage?, *in* *Faits de Langues*, n° 3, p. 55-66.
- MAILLARD, M. (2000), Les couples *ela-ele* et *elle-il*: approche contrastive portugais/français, *in* Almeida, M.-E. & Maillard, M. (éds), p. 235-250.
- MAILLARD, M. e ALMEIDA, M-E. (2000), Un modèle nodal pour une description cohérente de l'impersonnel en français et en portugais, *in* P. Sériot & A. Berrendonner (éds).
- MATTOSO CÂMARA JR, J. (1997), *Dicionário de Lingüística e Gramática Referente à Língua Portuguesa*, Petrópolis, Vozes.
- PERROT, J. (1994), Personne et syntaxe. Faits ougriens, *Faits de Langue*, 3, 67-78.
- SÉRIOT, P. e BERRENDONNER, A. (eds) (2000), *Le paradoxe du sujet*, Actes du Colloque Le Paradoxe du sujet. Les propositions impersonnelles dans les langues slaves et romanes, 1998, *Cahiers de l'ILSL* 12, Lausanne, UNIL.
- VILELA, M. (1994), *Tradução e análise contrastiva: Teoria e aplicação*, Lisboa, Caminho.
- VILELA, M. e VILLAÇA KOCH, I. (2000), *Gramática da língua portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase e gramática do texto*, Coimbra, Almedina.
- WEINREICH, U. (1954), Is a Structural Dialectology possible?, *Word* 14, 388-400.
- WILMET, M. (1997), *Grammaire critique du français*, Louvain-la-Neuve, Duculot.